

NAVIO

ANTÔNIO MARIA contou que uma vez ia num táxi, guiado por um chauffeur português velho, bigodudo, calado, de cara triste. Quando o carro chegou à praia o chauffeur viu um barco e exclamou, apontando com o braço esticado, os olhos brilhantes, num tom de descoberta, desotio e alegria:

— Olha o navio pequenino!

Essa fascinação dos portugueses pelos navios me salvou a tarde de ontem. Eu tinha de ir à Allândega e, portanto, passar pela praça Mauá. O português do volante vinha praguejando contra o calor, contra os outros carros, contra tudo. Antes d'êle eu vi o «Vera Cruz» encostado no cais, e disse: «Olhe o «Vera Cruz», que navio bonito!». Êle recebeu isso como um elogio pessoal e começou a falar do navio com entusiasmo, até conhecia um maquinista de bordo e visitara todo o gigante: «tem oito andares, mas tem elevador!».

Pelas cinco e pouco, ao voltar para casa, me tocou outro volante português. Na altura do Flamengo divisei o navio, que marchava para a saída da barra, e resolvi elogiar novamente o barco, para ver o efeito. Foi maravilhoso. «E' realmente, é realmente, é um belo navio!». Fiz notar que o Brasil não tinha nenhum navio de passageiros tão grande e tão bonito, e isso animou ainda mais o homem. Acabou confessando que em sua opinião não era somente o Brasil que não possuía um navio assim: país nenhum do mundo. Os inglêses, os americanos, os franceses, os italianos têm bons navios, mas nenhum tão bonito. «O senhor não acha?». Desconversei: «êsse aí eu vou ver passar de minha janela em Ipanema». Discordou: o navio tinha grande velocidade e cortava muito caminho por onde ia. Discutimos um pouco, eu jogando no táxi d'êle, e êle apostando no navio.

Em Copacabana voltamos a ver o barco, na altura da Contunduba. Fiz-lhe ver que eu estava ganhando a aposta: «já passamos na frente». Êle balançou a cabeça: «agora é que êle vai desenvolver a velocidade».

Na Vieira Souto êle teve de se render à evidência: o navio mal apontava no Arpoador e nós já estávamos perto do Posto 8. Mas arrumou uma explicação: «o comandante mandou tocar devagar para os passageiros verem a paisagem». Fiz uma reflexão:

— Quer dizer que é assim: o navio a ver a paisagem e a paisagem a ver o navio.

E graças isso, quando lhe paguei a corrida êle me perguntou se eu era poeta: «isto que o senhor disse eu vou repetir à patroa».

O casal de portugueses da portaria conversava com o porteiro do lado e o zelador do edificio da frente, todos portugueses. Dei a noticia: «o «Vera Cruz» está passando lá no mar».

O «Vera Cruz»! O «Vera Cruz»! E saíram todos correndo para a praia; no caminho arrebanharam mais um português que passava:

— «O «Vera Cruz», homem, venha depressa, venha!». E lá se foram, os pedros álvaes cabrais.

M. Chastade -
Lins